



DISCURSOS CONTEMPORÂNEOS
EM
ESTUDO
ISSN 2237-7247

**VAN DIJK, T. A. *DISCURSO E CONTEXTO:*
uma abordagem sociocognitiva. Trad. Rodolfo
Ilari. São Paulo: Contexto, 2012. 330 p.**

Simone Abrahão Scafuto¹

Teun A. van Dijk, professor titular do Departamento de Tradução e Filologia na Universidade Pompeu Fabra, de Barcelona, e doutor em Linguística pela Universidade Livre de Amsterdã (Holanda) é autor de numerosos livros e artigos, muitos traduzidos em várias línguas. Entre eles, *Cognição, Discurso e Interação* (2006) e *Discurso e Poder* (2008).

A obra *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva* (2012) compõe-se de quatro capítulos compilados em 330 páginas: Rumo a uma teoria do contexto; Contexto e linguagem; Contexto e cognição; e Contexto e discurso. Trata-se de uma teoria integrada e multidisciplinar sobre o contexto, desenvolvida no âmbito de uma teoria ampla do discurso, cujo propósito maior é explicar a complexa relação entre os contextos e as estruturas do discurso.

Van Dijk define contexto como modelo mental, único e subjetivo, das dimensões relevantes de uma situação social e comunicativa. Esse modelo representado na memória episódica do participante é caracterizado pelo autor como aquilo que organiza nossas experiências cotidianas em esquemas úteis tanto à compreensão do discurso, quanto à recuperação de nossos modelos mentais antigos. Os modelos de contexto, frutos da capacidade humana de representar mentalmente estruturas e situações sociais, dependem da seleção de modelos mentais relevantes, dotados de propriedades que permitem controlar a produção e a interpretação do discurso.

Inicialmente, em *Rumo a uma teoria do contexto*, o autor analisa um discurso do primeiro ministro inglês, Tony Blair, o qual foi pronunciado na Câmara Comum para convencer o parlamento britânico a aceitar a invasão de tropas no Iraque. A análise não envolve apenas a fala gramatical dotada de significados, as regras e as estratégias de interação, mas as funções socioculturais e políticas da fala e, principalmente, o conhecimento do contexto e as ideologias dos participantes. De acordo com van Dijk, faltaria, nas teorias do discurso e da comunicação

¹ Doutoranda em Linguística: Discursos, Representações Sociais e Textos (UnB). Mestre em Linguística: Sociolinguística (UnB, 2001). Especialista em Língua Portuguesa (UCB, 1997). Licenciada em Letras: Português e Inglês (Unicap/PE, 1984). Professora Universitária desde 1986. Autora de materiais didáticos e de artigos na área de Linguagem e Sociedade.

das últimas décadas, a interface que liga as formas do uso da língua às suas situações sociais e comunicativas.

No segundo capítulo, Contexto e linguagem, o autor reconhece as contribuições da Linguística Sistêmica Funcional (LSF) para os estudos da linguagem e a abertura da perspectiva sociossemiótica para a integração de esquemas relevantes. Entretanto, dirige forte crítica à visão antimentalista de contexto, precisamente, à tríade inter-relacionada às funções do extrato semântico da língua que norteia a descrição dos elementos do contexto de situação – *campo, relação e modo*. Segundo van Dijk, essa tríplice terminológica é vaga, inespecífica e, dela, decorreriam numerosos problemas encontrados nas análises das relações entre texto e contexto. Todavia, é importante mencionar que a LSF serviu como ferramenta básica à Análise de Discurso Crítica (ADC) e, propriamente, à Multimodalidade, perspectivas sociais da linguagem que não restringem o contexto a um tratamento metodológico, posto que dialogam de maneira transdisciplinar como outras teorias sociais. Neste capítulo, van Dijk comenta ainda os estudos que mostraram, gradativamente, a importância da relação contexto-linguagem, destacando com apreço a teoria da situação do linguista alemão Philipp Wegener (1848-1916), em que a interface cognitiva das situações e dos usos linguísticos justificaria o fato de as nossas opiniões e percepções das situações que se desenrolam diante de nós sofrerem distorções.

Em Contexto e cognição, van Dijk discorre sobre a importância teórico-metodológica do contexto para os estudos da linguagem, mas atem-se à descrição das propriedades dos modelos mentais, quais sejam: os contextos globais e locais; os esquemas de contexto; o eu-mesmo e as restrições de tamanho aos modelos. A relevância da informação, as intenções e os objetivos dos participantes e, sobretudo, o conhecimento contextual, além de outras categorias cognitivas são detalhadas pelo autor de forma clara e convincente. Por fim, para demonstrar a validade de sua argumentação, explícita como se realiza, de acordo com as exigências de um jornal, todo o processamento da produção de uma reportagem jornalística, desde a sua manchete, passando pela linha dedicada ao autor, às etapas do lide. Essa análise de reportagem evidencia que, além do conhecimento sobre algum acontecimento que rende notícia, a produção desse gênero jornalístico envolve um processo complexo de seleção de proposições formuladas de um modo controlado pelo contexto.

Em Discurso e contexto, capítulo final do livro, são enfocadas as dimensões discursivas controladas pelas estruturas contextuais e a influência destas na interpretação do evento comunicativo. Com efeito, classe social, gênero, idade, profissão, poder apresentam-se como variáveis sociais que influenciam o modo como falamos ou escrevemos e pressupõem nossas características sociais. A variação, em cuja subjacência encontra-se a mesma coisa e não coisa diferente, é entendida pelo autor como uma dimensão do discurso condicionada por modelos de contexto e exemplificada em termos de escolha de enunciados para serem adaptados à situação social – um diálogo no atendimento comercial, por exemplo, teria a ver com a compra de um produto, que é um condicionamento contextual. Dimensões do discurso, como o estilo com suas propriedades textuais; o registro cuja base gramatical superpõe-se a tipos distintos de textos; a retórica com suas funções de realce ou de atenuação; o gênero textual definido como narrativa, argumentação, conversação, explicação; e os atos de fala, entre outras categorias do

discurso, são tratadas, por meio de dados de pesquisas linguísticas e sociolinguísticas, como categorias discursivas controladas por modelos mentais.

A análise que van Dijk faz do discurso político de Tony Blair vai além das concepções formalistas e estruturalistas das ciências humanísticas e sociais e dos sentidos comumente atribuídos ao termo *contexto* nos trabalhos acadêmicos. Isso implica uma aplicação política orientada para a necessidade de incluir-se o discurso nos modelos de contexto, a fim de transformá-los em modelos reflexivos.

Os analistas que estudam o discurso como um dos momentos relevantes da prática social e que têm posicionamento crítico frente à questão do discurso poderão estabelecer um diálogo transdisciplinar, como o fazem com outras teorias sociais, com a abordagem sociocognitiva do contexto, por ser esta empiricamente satisfatória, consistente e original. A falta de um método que, como afirma van Dijk, ultrapasse as variações da gramática e que vá desde as variáveis sociais isoladas até a complexidade das situações e das estruturas sociais, tais como são construídas pelos participantes em seus contextos, não impede que a nova teoria do contexto sirva como fonte de pesquisa relevante às diversas áreas do conhecimento humanístico e de reflexão a todos os interessados no assunto.

